



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

PRISCILA TEIXEIRA DAS NEVES

**CARURU: PRÁTICAS DA ANCESTRALIDADE CONTRA O
EPISTEMICÍDIO**

SANTO AMARO-BA

2024

PRISCILA TEIXEIRA DAS NEVES

Memorial

**CARURU: PRÁTICAS DA ANCESTRALIDADE CONTRA O
EPISTEMICÍDIO**

Trabalho de conclusão de curso, tipo Projeto Artístico-Cultural (Memorial), apresentado ao Colegiado de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharela, sob orientação Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus

SANTO AMARO-BA

2024

PRISCILA TEIXEIRA DAS NEVES

CARURU: PRÁTICAS DA ANCESTRALIDADE CONTRA O EPISTEMICÍDIO

Trabalho de conclusão de curso, tipo Projeto Artístico-Cultural (Memorial), apresentado ao Colegiado de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharela.

Aprovado em defesa pública realizada em 17 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **RITA DE CASSIA DIAS PEREIRA DE JESUS**
Data: 21/12/2024 06:10:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr./Prof.^a Dr.^a Rita de Cassia Dias Pereira de Jesus
CECULT/UFRB

Documento assinado digitalmente
 **KELLY BARROS SANTOS**
Data: 21/12/2024 19:18:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Kelly Barros
CECULT/UFRB

Documento assinado digitalmente
 **ANDERSON FABRICIO ANDRADE BRASIL**
Data: 21/12/2024 08:45:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Anderson Brasil
CECULT/UFRB

AGRADECIMENTOS

Se eu estou aqui é porque houve pessoas antes de mim que abriram esses caminhos, e ampliaram os meus horizontes. Através de ações, palavras de conforto, puxões de orelha, orações e intenções. Deixo aqui o meu agradecimento para a minha melhor amiga, impulsionadora e que sempre apoiou qualquer objetivo meu, dona Antonia. Mamãe, muito obrigada por sempre me apoiar em tudo o que eu faço, a senhora é o meu maior exemplo de teimosia e determinação. A sua dedicação, amor e cuidado foram fundamentais para eu ser quem eu sou hoje.

Gostaria de agradecer à dona Margarida (in memoria) por me ensinar a me posicionar, e defender o que eu acredito, mesmo que as pessoas esperem uma outra postura, afinal eu sou uma mulher negra. As suas histórias, o seu cuidado e as suas orientações sempre me movem, vó. Quero também registrar a minha gratidão à José Paulo (in memoriam), por me estimular a estar sempre em movimento, todo o seu amor e cuidado comigo. O meu pai foi o meu primeiro letrador racial, grande artista sapiente. O meu senso crítico vem dele. Aos meus tios João e Cátia, por me impulsionarem através da educação e me acalantar com tanta afetividade.

Às professoras Rita Dias e Kelly Barros, e ao professor Anderson Brasil pelas palavras gentis e acolhedoras. Vocês são imprescindíveis para o nosso CECULT. Gratidão!

RESUMO

Esse trabalho visa investigar os impactos culturais da interrupção da tradição do caruru de Cosme e Damião na família Teixeira, analisando como a imposição da Igreja Católica influenciou essa mudança e afetou a transmissão cultural e religiosa. A partir da entrevista com Benedito Teixeira (Tio Didi), observa-se a intolerância religiosa e epistemicídio impostos pela Igreja Católica de forma em que uma tradição geracional de “dar o caruru” de São Cosme e São Damião foi interrompida há anos. Dentro desse contexto, há um breve relato do que se trata o caruru e sua relevância no território do Recôncavo, trazemos os conceitos de epistemicídio e intolerância religiosa.

Palavras-chave: Caruru, Igreja Católica, Recôncavo da Bahia, intolerância religiosa

ABSTRACT

This work aims to investigate the cultural impacts of the interruption of the Cosme and Damião caruru tradition in the Teixeira family, analyzing how the imposition of the Catholic Church influenced this change and affected cultural and religious transmission. The interview with Benedito Teixeira (Tio Didi) reveals the religious intolerance and epistemicide imposed by the Catholic Church in such a way that a generational tradition of “giving the caruru” of São Cosme and São Damião was interrupted years ago. Within this context, there is a brief account of what caruru is and its relevance in the Recôncavo territory, and we bring in the concepts of epistemicide and religious intolerance.

Keywords: Caruru, Catholic Church, Recôncavo da Bahia, religious intolerance

RESUMEN

Este trabajo pretende investigar los impactos culturales de la interrupción de la tradición del caruru de Cosme y Damião en la familia Teixeira, analizando cómo la imposición de la Iglesia Católica influyó en este cambio y afectó a la transmisión cultural y religiosa. La entrevista con Benedito Teixeira (Tio Didi) revela la intolerancia religiosa y el epistemicidio impuestos por la Iglesia Católica, de forma que hace años se interrumpió una tradición generacional de «dar el caruru» de São Cosme y São Damião. En este contexto, se hace un breve recuento de lo que es el caruru y su relevancia en el territorio de Recôncavo, y se introducen los conceptos de epistemicidio e intolerancia religiosa.

Palabras clave: Caruru, Iglesia Católica, Recôncavo da Bahia, intolerancia religiosa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
3 METODOLOGIA	10
4 CARURU: UM BREVE RELATO.....	12
4.1 EPISTEMICÍDIO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA	14
4.2 CARURU DE DIDI E MARIINHA	16
4.2.1 A devoção	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
6 REFERÊNCIAS	19
APÊNDICE A	19
ANEXO 1	33

1 INTRODUÇÃO

O caruru de São Cosme e São Damião é uma das expressões culturais mais sincréticas presentes no Brasil, sobretudo no Recôncavo da Bahia que é de onde parte esse trabalho artístico cultural. Na maioria das vezes, as pessoas que “dão caruru”, o fazem por herança familiar, algumas por promessa, e outras porque pegaram o quiabo inteiro.

No caruru eram, e ainda é para quem faz, colocados sete quiabos inteiros e quem os tivesse em seu prato ficava com a obrigação de perpetuar, se já o fizesse, ou iniciar o caruru a Cosme e Damião dali em diante. Ter o quiabo inteiro no prato significava, portanto, sinal que Cosme e Damião queria fazer parte da vida daquela pessoa ou que estava lhe cobrando algo, haveria entre eles alguma dívida não cumprida. (NASCIMENTO, Luisa, 2016, p.15)

A tradição do caruru de Cosme e Damião é um patrimônio cultural significativo para a identidade baiana e afro-brasileira. Representando a devoção aos santos gêmeos e a conexão com os orixás Ibejis, o caruru é um símbolo de resistência e preservação de valores e práticas ancestrais sincréticas, que frequentemente enfrentaram oposição religiosa ao longo da história.

O sincretismo do caruru vem de unir os Ibejis, orixás gêmeos filhos de Iansã, divindades da tradição religiosa de matriz africana, aos gêmeos santos católicos Cosme e Damião. Segundo Dias (2014), os mártires do século III, morreram por não se curvarem aos deuses pagãos de sua época. Em uma tradição, conta que morreram decapitados após sobreviverem milagrosamente aos dardos lançados contra eles, enquanto em outra, a morte dos gêmeos se deu por serem atirados de um despenhadeiro.

Já a mitologia iorubá, conta que Iansã e Xangô tiveram gêmeos, os Ibejis. Uma doença assolou o reino de Oyó, matando diversas crianças, inclusive um dos gêmeos. Aflita, Iansã pediu a Olorum e aos demais Orixás pela volta do seu filho, sempre cuidando da escultura de madeira que o representava. Após perceber a fé da mãe que perdera seu filho, as divindades atenderam ao seu pedido. Então, a mãe, Iansã, fez uma grande festa para comemorar, e ofereceu a comida que agrada a todos os orixás: o caruru.

Boa parte das pessoas que “dão caruru” tem essa relação com o feito. Principalmente pessoas que encontram quiabo inteiro no seu prato. Dizem que é cobrança dos erês, e coincidentemente na família da pessoa, alguém tinha o costume de dar caruru, e isso foi deixado de lado. Muita gente inicia a tradição para pagar uma promessa feita, tanto aos santos

católicos, quanto aos ibejis, divindades africanas. Caruru é sinônimo de prosperidade e abundância. Tem um ditado que não é exatamente sobre o caruru em si: “Quem come quiabo não pega feitiço”. Entretanto, como o quiabo é o ingrediente principal, faz todo sentido dar e comer caruru também como proteção das más energias lançadas.

Adentrar a universidade sendo egressa da escola pública de ensino foi desafiador, pois sabemos das lacunas presentes na educação pública do nosso país. Logo na semana de acolhimento, tivemos acesso a diversas produções de colegas veteranos, colegas já formados e de professores. Entretanto, a possibilidade de produção de um trabalho de conclusão de curso além do artigo (o memorial acadêmico) foi inovador. No bate papo com Maíne Jesus, fiquei maravilhada com o CD que a mesma produziu, onde havia a captação de áudio de algumas sonoridades e manifestações baianas, como a zambiapunga e a festa de 2 de fevereiro que acontece em Cachoeira.

As amplas possibilidades que o bacharelado interdisciplinar oferece levaram-me à indecisão de qual caminho trilhar. Experimentei alguns projetos de extensão como o Cinececult como ouvinte, onde assistíamos filmes e depois discutíamos a respeito das obras exibidas, na época o projeto estava mais voltado para a linha do tempo do cinema. Do mesmo modo, estar como espectadora no Clube da Radiola foi de uma contribuição imensa para compreensão da construção de alguns discos e carreira de cantores; poder mergulhar na produção das artistas baianas com o mapa das minas, evidencia a necessidade desse olhar em torno de mulheres que produzem de maneira brilhante.

Um dos componentes curriculares que fazem parte da grade do curso é o Cultura e Linguagens da Cena, uma das discussões mais latentes ao longo do semestre foi a cultura da infância. E a partir do despertar a respeito dessa área de criação surgiu o meu interesse em participar do Crica - Criar para crianças. Fui bolsista voluntária nesse projeto onde tivemos muitos processos de construção, debates internos e diálogos com artistas da área de ilustração e animação ao vivo no youtube, abertos à comunidade.

No primeiro semestre online por conta da pandemia, foi cursado Narrativa, Documentação Biográfica e Cultura. Esse componente ampliou os meus horizontes da possibilidade de construir algo mais pessoal no TCC. A partir disso, compreendi que a produção e execução do projeto de integração seria voltado a Família Teixeira (lado materno), porque na atividade de conclusão de semestre elaborei e socializei juntamente com

meus colegas um podcast falando sobre a matriarca da Família Das Neves (minha avó paterna).

Porém a questão por muito tempo foi, qual temática abordar diante de um leque de possibilidades? Dissertar a respeito de uma família preta oriunda da zona rural do Recôncavo no contexto dela, encaminha para diversas temáticas. Matri Gestão, êxodo rural, acesso à educação, dentre outros. Entretanto, falar a respeito do racismo religioso, mais especificamente investigar os impactos culturais da interrupção da tradição do caruru de Cosme e Damião na família Teixeira, analisando como a imposição da Igreja Católica influenciou essa mudança e afetou a transmissão cultural e religiosa. É trazer uma discussão significativa para a academia e para a própria família.

A princípio a percepção do despertar para esse projeto de integração tenha sido gerada pelo componente Narrativa, Documentação Biográfica e Cultura. No entanto, rememorar tudo o que foi experienciado na universidade me fez notar que de alguma forma não só os componentes cursados e os debates em sala me fizeram chegar até aqui. Assim como os projetos de extensão, os encontros, fóruns, aulas de campo, igualmente contribuíram para a realização dessa pesquisa.

Nesse bojo de memórias e afeto, no meio do que chamamos membros familiares, eu sou Priscila Teixeira das Neves, bacharelada do curso Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e me propus neste trabalho a elaborar um documentário, a partir de uma entrevista com o membro mais antigo da minha família, vinculado à oferta do caruru, como ato religioso.

Toda a logística para a elaboração deste trabalho foi feita por uma única pessoa, eu. O contato para compreender a possibilidade da entrevista foi articulado com uma das netas de tio Didi, Maria das Graças (Gal), a elaboração das perguntas para entender o que seria investigado, a captação, edição de áudio e vídeo e a transcrição com o auxílio da inteligência artificial (AI Transcription).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica baseia-se em autores que discutem o sincretismo religioso, a preservação cultural e a resistência religiosa no contexto afro-brasileiro. Conceitos como

sincretismo religioso, memória e identidade cultural são amplamente discutidos por diversos autores.

O conceito de Samba de Caruru é abordado por Marques (2003), onde a mesma traz a perspectiva etnomusicológica dessa tradição do Recôncavo da Bahia que une o caruru de alguns santos católicos ao Samba de Roda do Recôncavo.

Já Luísa Mahin (2016) explora o culto doméstico aos santos Cosme e Damião na cidade de Cachoeira, através da sua dissertação. Onde práticas católicas e africanas coexistem e se transformam, especialmente no contexto desse território. O caruru de Cosme e Damião representa essa fusão, em que os santos católicos são reverenciados ao lado dos orixás, especialmente os Ibejis, que simbolizam inocência e vitalidade

Compreender a importância das tradições culturais, como o caruru, serve de veículo para identidade e pertencimento é algo importante. A interrupção desse ritual se configura como epistemicídio, conceito esse explorado por Sueli Carneiro (2005) e (FELIX; GOMANE 2023) impacta a construção identitária das gerações que perdem o contato com suas raízes culturais e religiosas.

Para essa vertente, como pontua Sidnei Nogueira (2020), chamar o processo sistemático de perseguição às Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro) de “intolerância religiosa”, comparando-o à hostilidade sofrida, por exemplo, por outros grupos religiosos, como os cristãos, é diminuir e invisibilizar a gravidade e a complexidade do fenômeno, que ultrapassa as dimensões meramente espirituais/devocionais/ritualísticas.

Tenho como objetivos específicos dessa investigação:

1. Analisar o significado histórico e cultural do caruru de Cosme e Damião no contexto das religiões afro-brasileiras e da cultura popular baiana, a partir da experiência da Família Teixeira.
2. Compreender os efeitos da interrupção da tradição nas novas gerações da família Teixeira, a partir da imposição da tradição religiosa da igreja católica, correlacionando identidade, memória e pertencimento cultural a partir desse epistemicídio.

3 METODOLOGIA

Determinar e organizar um processo metodológico não é algo fácil e trivial, sobretudo quando se trata de uma epistemologia familiar. Conseguir ter o distanciamento científico necessário para a investigação foi complicado, e em alguns momentos foi dada a minha opinião pessoal a respeito do ritual do caruru.

A tradição do caruru de Cosme e Damião é um patrimônio cultural significativo para a identidade baiana e afro-brasileira. Representando a devoção aos santos gêmeos e a conexão com os orixás Ibejis, o caruru é um símbolo de resistência e preservação de valores e práticas ancestrais sincréticas, que frequentemente enfrentaram oposição religiosa ao longo da história. A interrupção dessa prática na família Teixeira que foi influenciada pela Igreja Católica reflete a tensão entre a preservação de identidades culturais e a imposição de normativas religiosas racistas. O babalorixá Sidnei Nogueira, conceitua o racismo religioso:

O racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta. O racismo não incide somente sobre pretos e pretas praticantes dessas religiões, mas sobre as origens da religião, sobre as práticas, sobre as crenças e sobre os rituais. Trata-se da alteridade condenada à não existência. Uma vez fora dos padrões hegemônicos, um conjunto de práticas culturais, valores civilizatórios e crenças não pode existir; ou pode, desde que a ideia de oposição semântica a uma cultura eleita como padrão, regular e normal seja reiteradamente fortalecida. (NOGUEIRA, 2020, p.47)

A diferenciação entre racismo religioso e intolerância religiosa está posta, e ao decorrer desse texto pode-se perceber que a estratégia de apagamento da Igreja Católica está além do que é compreendido como intolerância religiosa. Este trabalho é relevante pois busca compreender os efeitos da imposição religiosa sobre práticas culturais tradicionais, destacando a importância do caruru como expressão de memória e resistência cultural e religiosa, bem como seu papel na formação da identidade das novas gerações. Dediquei-me à pesquisa desta prática religiosa, a partir do trabalho desenvolvido no componente Narrativas, Documentação Biográfica e Cultura, no qual elaborei uma pesquisa auto biográfica e a documentação da prática da oferenda do caruru na minha família.

A entrevista foi um tanto desafiadora, com interrupções, atravessamentos, desvio de narrativa. Esses fatos se deram por três motivos, primeiro havia alguns anos que não visitávamos nossos familiares (minha mãe me acompanhou na entrevista), então, em alguns momentos alguns outros assuntos eram inseridos no meio da investigação (minha família no

geral tem o costume de conversar de vários assuntos ao mesmo tempo, por se tratar de uma família numerosa.

Segundo, Tio Didi já está idoso, 89 anos para ser mais exata, e a sua audição está um pouco comprometida. Em alguns momentos ele não compreendia o que lhe era perguntado, e era necessário repetir o questionamento. Ou as respostas eram dadas pelas netas, principalmente Mariane ou pelos filhos, Toinha e Pim. Terceiro, houve uma certa resistência de Toinha para contar o que exatamente acontecia no caruru por medo do julgamento, e por conta catequização sofrida.

Como base teórica foram feitas revisão de literatura e revisão bibliográfica relacionadas à temática. A entrevista ocorreu na residência de Benedito (Tio Didi), localizada em Laranjeiras, zona rural de Muritiba. Para a captação do áudio da entrevista foi utilizado um smartphone Xiaomi Redmi Note 12. A edição do áudio foi feita pelo Audacity, e a transcrição da gravação foi feita através da inteligência artificial AI Transcription que pertence a Riverside Studio.

Houve uma segunda entrevista desta vez com captação audiovisual utilizando uma câmera Canon EOS 5D e, microfone de lapela.

Na primeira entrevista, as perguntas foram mais amplas para compreender algumas questões de contexto familiar. Já na entrevista 2, as perguntas foram focadas no contexto familiar de Didi, e o do Caruru que era feito na sua residência.

4 CARURU: UM BREVE RELATO

O caruru é um prato típico da culinária baiana cujas origens vêm da matriz africana (bantos e iorubás). Feito com quiabo, cortados em rodela ou picados em cubinhos, ao qual se junta azeite de dendê, camarão seco, cebola, gengibre e pimenta de cheiro. Os quiabos são misturados com os demais ingredientes em uma panela que deve ser mexida apenas por uma pessoa. A ordem dos ingredientes varia de acordo com quem o faz, mas é unanimidade em que não haja muito trânsito de pessoas por perto, no momento da feitura, pois a iguaria pode desandar.

No prato no qual se serve o caruru, juntamente estão presentes o vatapá, o feijão fradinho, o feijão preto, o acarajé, o abará, o xinxim de galinha, arroz branco, cana, banana da terra, milho branco, farofa de dendê e farofa de mel. Essas são comidas que, individualmente,

agradam as divindades e entram como complementos da oferenda que é dada aos Ibejis para agradar todos os orixás.

A maneira como é servido o caruru sempre segue uma lógica que prioriza as sete crianças, para que comam antes das demais pessoas, enquanto são cantadas algumas músicas em louvor a Cosme e Damião. Costuma-se também oferecer em pequenos alguidares, 3 pratos para os santos. Porém há algumas divergências em relação a oferecer ou não os pratos para os santos. Muitas famílias seguem a ritualística de “dar de comer aos santos” ou ibejis:

A celebração envolvia muitas pessoas, e geralmente começava no dia anterior. Num rito coletivo, a família e vizinhança se reunia para cortar os quiabos, fazer a comida, organizar a casa. Comida pronta, o culto era secreto e poucos tinham acesso. Só depois que a comida dos santos era colocada ao seu pé, no altar especialmente ornamentado, que o público podia ir chegando. Na maioria das vezes a festa começava no fim da tarde, por volta das 17h, e ia até altas madrugada. Depois do santo quem comia eram as crianças. (NASCIMENTO, Luísa, 2016, p.13)

Existe uma ritualística comum aos que oferecem a iguaria da culinária baiana, e que são vinculados às religiões de matriz africana, que é a matança, na qual é feita a oferenda dos frangos que irão ser cozidos e entram no complemento dos pratos, como xinxim de galinha, um guizado de frango que leva azeite, camarão seco, amendoins e castanhas.

Antes de o caruru ser servido ao público, realizam-se a reza, os cantos litúrgicos católicos, ainda entoando, as músicas, é dado o caruru para as 7 crianças em uma bacia ou alguidar, para todas comerem juntas, na conhecida “balbúrdia”, ou em sete pratinhos distintos, onde vai um pouco de cada item que compõe o caruru completo. Depois das crianças comerem, é então distribuído para as demais pessoas. Em alguns casos é dado um dedo de jurema ou vinho para as crianças tomarem logo após o caruru. Também são distribuídos doces, as mais comuns são as balas de mel. Algumas pessoas dão brinquedos e fazem brincadeiras para divertir as crianças.

Já no caso da celebração feita pela igreja católica só há a comemoração e a distribuição dos pratos de caruru, apenas com brincadeiras e distribuição de doces. Porque a doutrina não permite:

Na Igreja Católica Brasileira Cosme e Damião de Cachoeira, por exemplo, todo ano celebra seus santos patronos com oferenda de caruru na parte externa do templo. Como ordem institucional em festa de Cosme e Damião não tem ou não se justifica dar o caruru, mas a comunidade acredita que sim, que festa de Cosme e Damião tem que ter a comida e assim o faz. Como não pode fazer dentro, faz do lado de fora, num rito sagrado e profano, com caruru,

samba e brincadeiras para as crianças. O pároco que lida com tal manifestação comunga da fé comunitária, apesar de ter que obedecer às regras da igreja. Diante da situação, da porta da igreja para a rua o caruru acontece, num rito de criatividade, ousadia e resistência popular. (NASCIMENTO, Luísa, 2016, p.67)

Um dos carurus mais tradicionais de Cachoeira é dado por Dona Dalva do Samba. Dalva Damiana de Freitas, nasceu em 27 de setembro de 1927, em Cachoeira, Bahia. A filha mais velha da charuteira, Maria de São Pedro de Freitas e do sapateiro, Antônio José de Freitas, é doutora Honoris Causa desde 2012 pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. É integrante da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e foi charuteira na Suerdieck, onde iniciou o seu grupo de samba e é responsável pelo nome do mesmo. Esse ano de 2024, a sambadeira e doutora do samba comemorou seus 97 anos. A festividade além do tradicional caruru e o samba de roda que reuniu diversas pessoas, contou também com a presença da mestra Alzira do Prato, onde foi homenageada pela mesma.

4.1 EPISTEMICÍDIO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

O processo de epistemicídio ocorreu ao longo de anos, sobretudo aqui no Brasil, onde foi colonizado por Portugal, explorando a mão de obra dos povos originários, das pessoas sequestradas dos países do continente Africano, e das riquezas da terra. Sueli Carneiro tem a melhor definição do conceito de epistemicídio:

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indignância cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p.97)

Para além, da interferência religiosa impelida pela Igreja Católica, o epistemicídio atravessa todos os grupos da Família Teixeira. Por ser uma família preta, da zona rural de um município do Recôncavo da Bahia, onde o acesso à educação inicialmente era algo muito

mais precário, inclusive na primeira entrevista, quando tio Didi é questionado sobre saber ler e escrever ele responde que sabe assinar o nome o que era muito comum há certo tempo. Porque o mais importante para essas pessoas naquela época era aprender a assinar o nome e saber contar dinheiro. Tio Didi também fala sobre o incômodo de vizinhos e conhecidos a respeito de um homem tão forte como o filho de Onofre estar na escola ao invés de trabalhar na roça.

Naquela época, as pessoas pretas não tinham leis que asseguram o acesso à verdadeira história do país. E se impor diante de diversas situações de racismo, entretanto, Onofre e Elvira compreendiam que a educação é um caminho importante e sempre incentivou os seus filhos a estudarem. A fala de uma educação de qualidade, políticas públicas efetivas e principalmente, o não-cumprimento da Lei nº 10.639/2003 e da Lei nº 11.645/2008 por boa parte das escolas brasileiras é um outro sintoma da efetividade do epistemicídio nesse país.

Na sua adaptação às particularidades da sociedade brasileira, o epistemicídio terá sua primeira expressão, enquanto tentativa de supressão do conhecimento nos processos de controle, censura e condenação da disseminação de idéias empreendido pela Igreja Católica durante o vasto período da história do Brasil com desdobramentos específicos sobre a população negra. (CARNEIRO, 2005, p.102)

Por mais velado que seja, podemos sentir nos atravessamentos que o racismo é sem dúvida estrutural. Todo o contexto de genocídio está dado há anos, entretanto, algumas estratégias de manutenção vão sendo adaptadas com o passar do tempo. As estratégias mais frequentes desde o período do sequestro e invasão de terras dos continentes africano e sul-americano pelos europeus, é o que podemos compreender como casamento racista, onde une-se o epistemicídio à intolerância religiosa. Sidnei Nogueira já inicia o livro *Intolerância Religiosa, contextualizando o racismo estrutural a partir da epígrafe do livro Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* do bispo Edir Macedo, esmiuçando cada termo utilizado pelo líder da Igreja Universal do Reino de Deus:

As palavras “instrução”, “esclarecimento” e “levantasse” remetem a uma necessidade de higienização das coisas pretas. Instrução se opõe a ausência de conhecimento e a amadorismo, ausência de formação, de escola – certamente a escola europeia. Esclarecimento, como diz a própria unidade lexical, quer clarear a atuação de pais e mães de santo dedicados às práticas escuras, pretas, denegridas. E, quando o autor, na condição de representante legal de um Deus único – o Deus dele, forjado por ele e para servir a suas intenções –, diz que seu Deus levantou alguém para que dissesse a verdade aos mentirosos e aos que estão abaixados, assume um discurso etnocêntrico e marcado por autoritarismo e racismo. (NOGUEIRA, 2020, p.14)

4.2 O CARURU DE DIDI E MARIINHA

O Caruru da Família Teixeira, vem desde os meus tataravós Maria e Manuel da Paixão, como é de costume em diversas famílias aqui do Recôncavo da Bahia, foi passado para a filha Elvira que junto com o seu esposo, Onofre “dava caruru” até a mesma falecer e papai Onofre interromper. Para não deixar de lado, a sua nora Maria (Mariinha), prosseguiu com o Samba de Caruru juntamente com o seu esposo Benedito (Didi). O famoso caruru mobilizou não só a vizinhança, mas também parte da família que reside em Cruz das Almas. Eles se articulavam para viajar em grupo por um caminho que fica dentro da antiga Escola de Agronomia da UFBA, atual campus da reitoria da UFRB. Não importava se era de carro, de bicicleta, ou até mesmo a pé, todos se empenhavam para ir virar a noite no samba de caruru de tio Didi e tia Mariinha. A arrumação para festa era por conta da família de Mariinha, principalmente as mulheres. Os homens eram requisitados para pisar fubá e reger o samba mais tarde.

Os enormes instrumentos, eram passados pela janela da casa de Didi e Mariinha para que o samba ocorresse. Na casa antiga, havia uma sala grande que comportava toda a família e os demais presentes para a celebração. Os instrumentos utilizados pelos homens eram geralmente timbal, pandeiro, triângulo, prato ou enxada, e o clássico bater palmas. Dos tocadores tinham Néo e Ditinho que são filhos de tio Didi (coincidentemente os três se chamam Benedito), Rui (Rodrigo) filho de Bubu (Raimunda), Rau (Israel) e Hilton que são filhos de Zé Sena (Filinho), Zeca (José), Dedego (Augusto) e Toin (Antonio) que eram irmãos de Didi. As rezadeiras à frente da comemoração eram Zequinha (Maria José), Bubu (Raimunda) e Santa (Leonidia), também irmãs de Didi. O conteúdo lexical dos sambas contempla santos católicos (ou orixás) e a vida cotidiana dos participantes. E nas rezas, pode haver ou ambos os tipos de samba ou apenas o dos santos. Em sua dissertação, a etnomusicóloga, Francisca Marques discorre com precisão a respeito da manifestação:

Não existe um número definido de sambas para a ocasião mas ele deve ser tirado com o mínimo de 3 e deve dar-se seqüência com múltiplos de 7, 14 ou 21 sambas sem que sejam repetidos. Não parece que isso seja uma regra e, invariavelmente, observa-se a quebra do padrão acima descrito. No entanto, é considerado um “samba educado” o grupo que faz “respeito ao preceito do caruru e ao axé do santo”. A não repetição dos sambas é um aspecto importante pois demonstra a competência do puxador e do grupo. (MARQUES, 2003, p. 90-91)

4.2.1 A Devoção

Mariinha desde sempre foi devota de São Cosme e São Damião a ponto de pedir que eles a abençoasse com filhos gêmeos. “Antes de ter a gente ela pedia e São Cosme deu mesmo! (rindo). Deu com fartura” (TOINHA). Eles tiveram quatro gestações de gêmeos, contudo apenas três vingaram. Os gêmeos são respectivamente, Crispim e Crispina, Benedito e Benedita, e Antonia e Antonieta, que tiveram o nome modificado pela parteira mãe Ricarda. A princípio, elas se chamariam Marli e Marlene, mas como nasceram laçadas¹ foi sugerido que os nomes fossem mudados para cumprir promessa aos santos. Essa prática de nomes era comum na época, inclusive a escolha dos nomes de acordo com o calendário que continha as datas de cada santo.

Pela herança de Didi, a devoção de Mariinha e a graça de ter filhos gêmeos. Os mesmos faziam o caruru de São Cosme e São Damião no mês de maio, que era a época de aniversário de quatro dos seis gêmeos. No dia da festividade, os preparativos começavam cedo, havia o ritual chamado matança, que era feito apenas com esse núcleo da família. “Agora assim, viu Priscila. Não era nada de candomblé, candomblé era uma coisa, entendeu? Candomblé é uma coisa, e esse daí era o, ela vinha matar, os 7 pintinhos de São Cosme” (TOINHA). Mais tarde, com tudo pronto faziam a reza, colocavam uma esteira, 7 pratinhos, para 7 crianças sendo, quatro meninos e três meninas. “Depois da reza. Tirava três sambas. Aí depois, lá mais tarde, começava o negócio de chamar o povo pra comer o caruru.” (DIDI)

Com o passar do tempo, um dos filhos do casal, juntamente com a esposa passou a integrar o Grupo de Oração Carismática. E conseqüentemente, passaram a condenar a prática do samba de caruru porque os padres eram rigorosos a respeito disso. “E aí depois Néó mais Lucinha na carismática, e aí pronto disse que não podia rezar. Mainha, rezava pra nossa Senhora da Conceição no aniversário de papai, mainha rezava pra Nossa Senhora das Graças no aniversário meu e de Leleta. Mainha rezava pra São Cosme no aniversário de Janda mais de Pina.” (TOINHA) Aqui quando se referem a reza estão falando das celebrações e casa juntamente com o samba de caruru.

Logo, as rezas foram trocadas por missas celebradas na Igreja de São Benedito que fica ao lado da residência deles. Apenas o samba depois da missa e dos parabéns foi mantido até cerca de 2012. Hoje não há mais essas celebrações, boa parte dos filhos fazem parte de grupos de oração o que impossibilita já que corre o risco de serem expulsos caso o líder religioso saiba que eles estão envolvidos com samba de caruru. O que comprova o que

¹ Nasceram com o cordão umbilical enrolado no pescoço

NOGUEIRA (2020) diz: A estratégia mais segura para se evitar a perseguição é a negação da existência dessas tradições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O samba de caruru era o momento de reunir e conectar essa família tão grande ao qual boa parte já não morava mais em sua terra de origem, Laranjeiras. Era o momento solene de duas expressões reconhecidas como patrimônio cultural: o samba de roda do recôncavo e o caruru de Cosme e Damião. A celebração trazia para a casa de Didi e Mariinha diversas pessoas que nem sempre pertenciam a família, entretanto, se relacionavam de alguma forma com o que era produzido naquela gira.

Infelizmente, a Igreja Católica conseguiu através não só de proibições, mas também de ameaças, impossibilitar a realização dos sambas de caruru na casa de Tio Didi. Porque nas entrevistas foram reproduzidas algumas falas de padres que são totalmente contra essa manifestação cultural familiar. Além disso, em uma conversa com as netas de Tio Didi que não foi registrada, houve a confirmação de que não há possibilidade de volta das rezas, pois é algo delicado. Mesmo não dizendo diretamente, foi possível perceber que a delicadeza em comemorar dessa forma é uma afronta a Igreja que além de interferir teologicamente, se encontra de forma física, ao lado da casa da família. NOGUEIRA (2020) discorre a respeito dessa atitude que a Igreja implementa, na sociedade do esquecimento e do apagamento, sobretudo de memórias e corpos pretos, mas também das próprias memórias e dos próprios corpos, é impensável a existência de uma religiosidade que retorna no tempo para se compreender e até para (re-)existir.

Para além da entrega acadêmica, esse trabalho é a reconexão com a minha ancestralidade. Não só para saber dos que se foram, mas para conhecer e me aproximar dos que ainda estão aqui. A família Teixeira no geral é um grande quilombo que sempre se reuniu para celebrar mesmo em momentos comuns do dia-a-dia. A perseguição e a intolerância tão marcadamente focadas nas religiões negras não se dão ao acaso. As instituições hegemônicas sabem o perigo que representam quilombos-famílias que dão instrumentos de luta, resiliência, saúde mental e espiritual ao oprimido. (NOGUEIRA, 2020) O ato de reunir sempre esteve presente em todos os núcleos dessa família imensa. É o que mantém viva a chama dos encantados que queima dentro de cada um.

Acredita-se que a partir do momento em que houve a proibição do samba de caruru que acontecia em Laranjeiras, tudo passou a desandar. Principalmente no núcleo familiar onde ocorria o festejo, a casa de Mariinha e Didi. Quadros de depressão e as mortes repentinas de alguns filhos do casal fazem muita gente acreditar que têm relação com o costume que foi proibido pela Igreja Católica e que há uma cobrança dos santos por deixarem de ser celebrados.

Mesmo deixando de lado o costume do samba de caruru, é notório o apego a fé e religiosidade na Família Teixeira. Pessoas pretas necessitam da sua conexão com a espiritualidade para se manter de pé assim como um baobá.

6 REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 08 dez. 2024.

FÉLIX, Santana Taciana Mariz; GOMANE, Manuel Cochole Paulo. **Epistemicídio e norma epistêmica: Nas encruzilhadas da desobediência**. Revista Ideação v.1 n. 48, (jul./dez.2023) Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia (NEF), UEFS, Feira de Santana-BA.

MARQUES, Francisca. **Samba de roda em Cachoeira, Bahia: Uma abordagem etnomusicológica**. 2003. Dissertação (Mestrado da Escola de Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, 2003.

NASCIMENTO, Luísa Mahin A. L. **No dia da festa dele... Culto doméstico a Cosme e Damião em Cachoeira/Bahia**. 2016. f.95. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira/Bahia, 2016.

NOGUEIRA, Sidnei. Intolerância religiosa. São Paulo: Pólen, 2020, 160pp. (Coleção Feminismos Plurais).

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Biografia de Dalva Damiana de Freitas**. Revista de História Comparada - Programa de Pós-Graduação em História Comparada-UFRJ, Rio de Janeiro, v. 14, n. suplementar, p. 45-50, 2020.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO UTILIZADO PARA A ENTREVISTA:

Nomes dos tataravós

De onde papai e mamãe eram

Quantos filhos tiveram?

De onde vem o costume do caruru?

A devoção de Tia Mariinha aos santos.

Filhos gêmeos... Quem foram os primeiros? Quando cada um nasceu e os nomes?

Quais os gêmeos que estão vivos?

Pedidos atendidos?

Como era o caruru?

Quem contribuía?

Como era a matança?

Quem arrumava a casa, fazia as comidas?

O que é que tinha no prato?

Quem era responsável pelo samba?

Quais eram os sambas tocados?

Como era a oferenda? Era só no rio?

Porque parou de dar?

E o São Cosme que deram fim?

O que aconteceu após a interrupção?

O senhor se incomodaria se alguma de suas netas voltasse com o costume?

O senhor acha que a igreja iria interferir caso alguém quisesse voltar a fazer?

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Priscila: Seu nome?

Tio Didi: Benedito Teixeira

Priscila: O apelido Didi, né?

Tio Didi: É

Priscila: Como era o nome do Pai do Senhor?

Tio Didi: Onofre Teixeira

Priscila: E da mãe?

Tio Didi: Elvira Teixeira

Priscila: E papai e mamãe eram daqui de Laranjeiras mesmo?

Tio Didi: Era.

Priscila: Era?

Tio Didi: Era.

Priscila: Os dois?

Tio Didi: Todos dois.

Priscila: Eles dois tiveram quantos filhos?

Tio Didi: Tiveram dez.

Priscila: Onde era a casa deles? Era aqui perto?

Tio Didi: Na primeira Laranjeira de lá.

Priscila: Na parte de lá da frente.

Tio Didi: É

Priscila: Da outra vez que eu vim aqui, eu perguntei, o senhor falou que o caruru que tinha já era de papai, né? Já era dos mais velhos dele que fazia.

Tio Didi: É!

Priscila: Quando foi que parou... o senhor lembra que ele parou de fazer lá?

Tio Didi: Lá parou com muito tempo.

Priscila: Parou muito tempo. E quando o senhor começou a fazer com a Tia Mariinha, foi logo depois ou ficou um tempo sem fazer?

Tio Didi: Demorou um tempo. Ela começou a fazer muito tempo depois de casada.

Priscila: Depois de casada. Já tinha as barrigas de gêmeos ou não?

Tio Didi: Ainda não.

Priscila: Não? Começou antes.

Tio Didi: Já tinha

Priscila: Tinha um do gêmeo já.

Tio Didi: A primeira.

Priscila: A primeira. Que é? Quem são...

Tio Didi: Crispim e Crispina

Priscila: Que é Pim né?

Pim: É

Priscila: Outra coisa que Toinha falou também que Tia Mariinha sempre foi devota, né? De São Cosme.

Tio Didi: É.

Priscila: Sempre foi devota. É. Mas isso era de nova, era da família dela ou era dela mesmo?

Tio Didi: Era tinha irmã que tinha um negócio de caboclo aí, morreu, passou pra ela.

Priscila: Passou pra ela. Aí ela se apegou na fé.

Tio Didi: Começou, é.

02:27

Priscila: Os mais velhos dos gêmeos é Pim e Pina.

Tio Didi: Depois Pina, depois... Depois de Crispina, foi quem?

Pim: Neo e Neia.

Tio Didi: Benedito e Benedita.

Priscila: Aí depois vem...

Tio Didi: Antonia e Antonieta.

Priscila: E os gêmeos que o Senhor falou que morreram?

Janda: Ana Maria...

02:51

Tio Didi: Ela perdeu.

Priscila: Ela perdeu, como era o nome?

Tio Didi: Nasceu morto.

Priscila: Os dois?

Tio Didi: Sim.

Priscila: Como era o nome? Tinha um nome?

Tio Didi: Hein?

Priscila: Tinha algum nome já?

Tio Didi: Não.

Priscila: Não chegou a botar nome?

Tio Didi: Não.

Janda: Ana Maria

Pim: Não tinha, não Janda

Tio Didi: Não tinha nome ainda não

Priscila: Além do costume de fazer o caruru pela tradição, tinha alguma coisa, teve alguma coisa que o senhor, Tia Marinha pediu a São Cosme que recebeu a graça?

Tio Didi: Ela que pedia para ter gêmeos.

Priscila: Foi os gêmeos.

Tio Didi: Ela a que pedia.

Priscila: Sim. Mas pediu alguma coisa assim, sei lá, para ajudar a construir a casa? Teve algum outro pedido?

Tio Didi: Não.

Priscila: Pra São Cosme... nunca pediu nada?

Tio Didi: Não

Priscila: Só fazia mesmo o caruru e o samba.

Tio Didi: É.

03:44

Priscila: Como era aqui no dia da arrumação? Do caruru, quem ficava na parte de fazer, assim, o caruru, arrumar a casa, era as mulheres?

Tio Didi: Era.

Priscila: E os homens ficavam com o quê? Com a parte do samba só ou fazia mais?

Tio Didi: As mulheres faziam o negócio da matança, o negócio que ajudava.

Priscila: Sim.

Tio Didi: Vinham muitas pessoas de fora, da família dela.

Priscila: Sim. A maioria que vinha era da família dela?

Tio Didi: Da família, é.

Priscila: Da família da gente só vinha no outro dia para comer.

Tio Didi: Era.

Priscila: E para sambar.

Tio Didi: Hum.

Priscila: Quem no dia que já estava todo mundo aqui, né? Na hora do samba, da reza. Quem era que tocava assim, que cantava?

Tio Didi: Era... Néó, aquele que tava aqui, Benedito.

Priscila: Sim, que ele tocava instrumento.

Tio Didi: Timbal, pandeiro

Pim: Finado Ditinho também, Benedito.

Priscila: Quem?

Pim: Meu irmão mais velho, finado Ditinho.

Priscila: Ditinho também?

Tio Didi: Ditinho, era.

Priscila: E tinha alguma rezadeira que puxava as rezas?

Tio Didi: Tinha Santa e Bubu. Minhas duas irmãs e Zequinha.

Priscila: E puxava reza?

Tio Didi: Três.

Priscila: Aí como é que era? Primeiro rezava?

Tio Didi: Primeiro a reza

Priscila: Aí depois sambava?

Tio Didi: Depois. Depois da reza. Tirava três sambas. Aí depois, lá mais tarde, começava o negócio de chamar o povo pra comer o caruru.

Priscila: Aí, fazia a reza, fazia o samba, dava o caruru pros sete meninos, nessa hora?

Tio Didi: Dava o caruru pros sete meninos também.

Priscila: Na hora que tava puxando esse samba?

Tio Didi: É, aí era quando terminava a matança.

Priscila: Hum.

Tio Didi: Aí fazia um caruru de sete meninos.

Priscila: Dava a eles, botava eles bonitinho.

Tio Didi: No chão, no esteiro, o negócio.

Priscila: Sim.

Tio Didi: Botava sete meninos. Era... Quantos meninos? Era menino e menina.

Pim: Sete.

Priscila: Mas sabe dizer...

Gal: Acho que era quatro meninos e três meninas.

Tio Didi: Era assim.

Priscila: Quatro meninos

Tio Didi: e três meninas.

Priscila: E três meninas. Certo. O senhor falou que... falou também de João Lima, né? Que teve alguma coisa aqui, Janaina...

Tio Didi: Ele sentia dor de cabeça.

Priscila: Sim.

Tio Didi: Ele sentia dor de cabeça, que não parava de jeito nenhum. Daí, a santa que ela tinha, Janaina começou a fazer um remédio para ele e ele ficou bom.

Priscila: Ficou bom, nunca mais teve nada.

Tio Didi: Nunca mais sentiu. Aí toda vez da reza de São Cosme ele dava um frango.

Priscila: Hum...E além dele, tinha mais alguém que teve alguma coisa e começou a ajudar na reza? De dar coisa? De dar comida, dar um frango?

Tio Didi: Tinha pessoa que dava.

Priscila: Mas também era porque Janaina...

Tio Didi: Não, o que gostava dela ajudava.

Priscila: Ajudava. Essa parte da matança era cedo?

Tio didi: Era cedo.

Priscila: No mesmo dia ou um dia antes?

Tio Didi: No mesmo dia. Se a reza fosse sábado, a matança era sete, oito horas, nove horas.

Priscila: Da manhã?

Tio Didi: Da manhã.

Priscila: Hum. E como era? Era só as mulheres que participavam? Ou...

Tio Didi: Tinha homem também. Agora, o homem só era para...Fazer o samba, na hora que tu tá falando. Do samba dos meninos comendo caruru.

Pim: E pisava fubá também.

Priscila: de quê?

Pim: Ajudava pisar fubá,

Tio Didi: Pisar fubá... Cortar quiabo, as mulheres iam tudo cortar quiabo essas coisas.

Priscila: Sim, e os homens eram mais pro samba e as coisas pesadas.

Tio Didi: Aí era...

Priscila: O senhor consegue lembrar algum samba assim que cantava na hora ou da reza ou depois que o couro comia?

Tio Didi: O samba dela mais que... Ela cantava mais quando a Janaína dela chegava. Era “Janaína é menina mas tinha palavra, palavra divina, palavra sagrada.” Ela cantava.

Priscila: Certo. Tem mais algum de Cosme que o senhor lembre?

Tio Didi: Como era aquele samba de São Cosme?

Janda: São Cosme e São Damião (cantarolando baixinho).

Tio Didi: (não compreensível) na onda do mar sagrado Santa Bárbara quem mandou. Era samba também.

Priscila: Aí, esses cantavam na hora que os meninos estavam comendo? Ou era depois?

Tio Didi: Depois mesmo.

Priscila: Depois que terminava tudo, tinha o samba.

Tio Didi: É.

Priscila: Assim que terminava o samba, que levava as coisas pro rio?

Tio Didi: Levava.

Priscila: Aí levava tudo pra lá.

Tio Didi: Aí era o dia do... depois da reza, era o dia de tarde.

Priscila: No outro dia.

Tio Didi: Depois do almoço, saia meio mundo de gente daqui pro rio.

Priscila: Sim.

Tio Didi: E era com a vasilha do...do resto das coisas da galinha, do negócio. Ela levava, fazia uma bacia, fazia, botava uma rodilha na cabeça, botava e todo mundo acompanhando, parecia uma procissão. Daqui dá pro rio.

Priscila: O rio é muito longe? É muito longe daqui, o rio?

Tio Didi: Não.

Priscila: Assim, aí começou a fazer isso e esse samba durou até quando? O senhor sabe lembrar? Quando foi que parou?

Tio Didi: Parou depois de meu Deus? Depois que foi morrendo umas pessoas aí e também negócio da Igreja. Ficaram proibindo o negócio caruru, essas coisas. Que não é coisa certa, coisa boa, não sei o que. Aí ela foi deixando, e começou a celebrar a missa.

Priscila: Sim. E quando a igreja começou a proibir, foi logo quando construiu essa Igreja ou foi antes?

Tio Didi: Depois dessa daqui, até aqui ainda tem o samba ainda.

Priscila: Depois que construiu essa igreja que o padre começou a proibir.

Tio Didi: Foi, aí começaram a entregar ela que ela tinha negócio de devoção ai ela diminuiu mais, em vez de rezar, celebrava a missa.

Priscila: Aí parou de fazer o samba e fazer o caruru e passou a celebra a missa de São Cosme.

Tio Didi: E filho da gente, Ditinho só ficava reclamando. “A senhora vai ver o que vai acontecer!” Ele achava que isso não ia dar nada certo.

Priscila: Sim.

Tio Didi: Quando começou assim, morrendo com ele dizia que era surra que ela tava tomando.

Priscila: Por causa da... que parou.

Tio Didi: Por que parou.

Priscila: Hum... Outra coisa que o senhor falou da outra vez, é que tinha um São Cosme, né? Que era...grande, que era bonito, o São Cosme veio de papai ou era da família de tia Mariinha?

Tio Didi: Era da mãe dela.

Priscila: E como era? É grande, era de que tamanho mais ou menos?.Aí sabe dizer o que fizeram? Sabe dizer o que fizeram? Que o senhor falou que sumiu, que deram fim. Quem foi que deu fim, sabe dizer?

Tio Didi: O da gente continuou.

Priscila: Mas esse médico que o senhor falou que era bonitão, quem foi que deu fim, sabe dizer?

Tio Didi: Eu não sei o que foi que ela fez.

Priscila: Foi ela mesmo que desfez? Não lembra?

Tio Didi: Acho que foi.

Priscila: E isso assim, das mortes, das coisas que aconteceu depois, o senhor também acredita ou acha que não tem nada a ver?

Tio Didi: Eu não duvido, não.

Priscila: Não duvida não, né?

Tio Didi: Eu não

Priscila: Se algum dia, algum neto ou bisneto, quisesse voltar a ter esse costume de fazer o samba, o senhor acha ruim, o senhor se incomoda? O senhor não acha nada?

Tio Didi: Não se incomodava não, né?

Tio Didi: Não

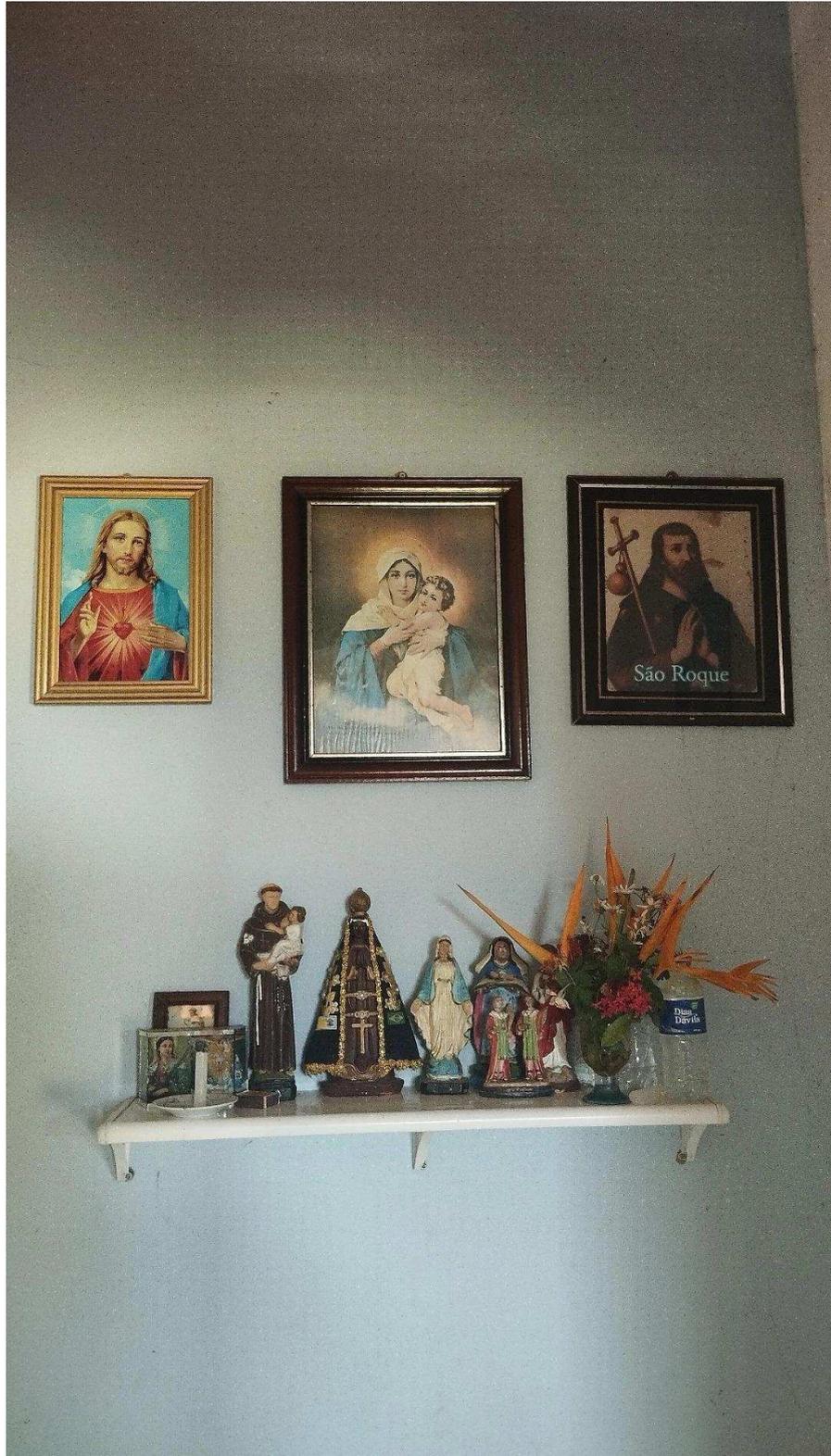
Priscila: O senhor acha que se alguém voltasse a fazer, que a igreja ia reclamar de novo ou não?

Tio Didi: Eles proibem.

Priscila: Até hoje?

Tio Didi: Que agora não querem mesmo de jeito nenhum.

ANEXO 1



Quarto do Santo



Cosme e Damião



Igreja de São Benedito vista da varanda de Tio Didi



89 anos de Didi